

“É PRECISO SE DESAFIAR SEMPRE”

Nascido sem os braços e sem as pernas, Nick Vujicic roda o mundo falando sobre sua história de vida. Em outubro, lançará no Brasil uma campanha contra o bullying **FERNANDA ALLEGRETTI**

QUANDO O AUSTRALIANO Nick Vujicic nasceu, há 33 anos, seu pai deixou a sala de parto às pressas, com uma súbita ânsia. As enfermeiras começaram a chorar e o médico demorou a levá-lo até a mãe. O motivo: Nick nascera sem os membros superiores e inferiores devido à síndrome Tetra-amelia. Seus pais foram surpreendidos porque nenhum exame pré-natal apontara a deficiência. Constantemente atormentado pelo bullying, Vujicic pensou em suicidar-se ainda na infância. Determinou-se, no entanto, a superar sua condição. Autor de sete best-sellers internacionais, ele percorre o mundo dando palestras de motivação, atividade iniciada aos 17 anos. Sua história já foi compartilhada com um público superior a 400 milhões de pessoas. Além da empresa Attitude Is Altitude (Atitude É Altitude), especializada em conferências, Vujicic comanda a entidade Life without Limbs (Vida sem Membros). Em outubro, ele desembarca no Brasil, onde lançará uma campanha mundial contra o bullying, no evento Experiência sem Limites. Vujicic falou a VEJA por telefone. Eis os principais trechos da entrevista.

BULLYING

“Ninguém sofre bullying a vida inteira. Quando falo a jovens e crianças que estão passando por essa situação,

gosto de tranquilizá-los. Vai passar. Sem braços nem pernas, fui alvo certo de muitas provocações. Voltava chorando da escola. O amor dos meus pais foi imprescindível para que eu desenvolvesse autoestima. Vivemos em tempos digitais, e a internet ajudou a aumentar a frequência do bullying, mas não o inventou. Ele já existia, mesmo quando éramos analógicos. O bom da web é que tudo pode ser rastreado. Quem sofre bullying precisa compartilhar a situação com os amigos, pais, professores. Não é algo para enfrentar sozinho.” *(Segundo o IBGE, dois em cada dez estudantes brasileiros já praticaram bullying. O número de agredidos cresce. Em 2012, 35% dos alunos relataram passar por situações desse tipo. Em 2015, 47%.)*

SUICÍDIO

“Meus primeiros anos foram difíceis. Aos 8, comecei a pensar em suicídio. Aos 10, pedi ao meu pai que me colocasse na banheira dizendo que queria relaxar e ensaiei meu próprio afogamento. Não podia suportar o bullying e achava que era um estorvo para toda a família. Anos depois, soube que 80% dos casais que têm filho com deficiência acabam se divorciando. Naquela ocasião, ainda criança, o que me fez mudar de ideia foi imaginar minha família no meu enterro.”

FÉ

“Durante oito anos da minha vida fiquei bravo com Deus. Não entendia por que Ele havia me feito deste jeito. Aprender a aceitar minha condição foi um progresso lento. Não acordei um dia com a autoestima mudada.”

FAMÍLIA

“Sou casado desde 2012 com Kanae, uma mulher lindíssima, e temos dois filhos, Kiyoshi, de 3 anos e meio, e Dejan, de 1 ano. Nunca imaginei que fosse constituir minha própria família. Sou cristão e me casei virgem. Para mim, sexo fora do casamento acontece para que as pessoas preencham um vazio. Esse vazio pode ser preenchido ao se estabelecer uma relação sólida com a religião.”

LIMITAÇÕES

“Para conquistar algo, é preciso tentar. Muitas pessoas não atingem o seu potencial porque não se desafiam. Aprendi a escrever com minha boca e meu pé *(Nick tem apenas uma parte do pé esquerdo)*. Jogo futebol e golfe, pratico natação, mergulho, surfo, salto de paraquedas. Quando meu primeiro filho nasceu, sentia muito o fato de não poder abraçá-lo. Pensei: o que preciso fazer é ser o melhor pai que puder e, assim, ele irá querer me abraçar. Às vezes, até esqueço que não tenho braços nem pernas.” ■